Casearia sylvestris Sw.

(cafezinho do mato, café bravo, chá de bugre, guaçatunga)

Família: Salicaceae

Endêmica: sim[8]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal[8]

Recomendação de uso: Silvicultura

A guaçatonga apresenta-se distribuída em quase todo o território nacional e se destaca por sua copa globosa e densa, com flores de coloração creme, de cheiro forte, regularmente distribuídas ao longo dos ramos extremos. É uma das poucas espécies florestais melíferas durante o inverno. Como planta rústica é bastante comum em beira de estradas e ao longo de cercas. Suas folhas são usadas como depurativas, anti-reumáticas, cicatrizantes e anti-inflamatórias; além de ter excelente ação contra picadas de jararaca e cascavel através do uso de infusão da casca.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cochos, esculturas, gamelas, objetos ortopédicos, tamancos, celulose e papel, construção civil, canoa, jangada, lenha, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna, medicinal, ornamental, produto bioquímico, substâncias tanantes)[1,4]

Características gerais

Porte: altura 5.0-20.0m DAP 40cm[1,3,4]

Cor da floração: creme[5,1,9,7,4]

Flores de cor brancas, verde amareladas, creme, branco amareladas, creme esverdeadas a amarelas, verde amareladas.

Velocidade de desenvolvimento: -

Desenvolvimento lento.

Persistência foliar: Perenifolia[9,3,1]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa[4,3,5,1]

Diâmetro da copa: 4-6m[3]

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso[4]

Superfície do tronco: Áspera[1,2]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)[1,9,7,4]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[4]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[4,14]

Áreas bem drenadas, não alagáveis (MARTINS, 2006). Drenagem boa a regular (CARVALHO, 2006).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial[1,13]

Polinizadores: Polinização não especializada, podendo ser realizada por abelhas e insetos.[11,12,7,1]

Período de floração: maio a dezembro[9,10,4,5]

Maio a dezembro (CARVALHO, 2006); setembro a outubro (SOARES, 1998) ; março a janeiro (TORRES; RAMOS, 2007); agosto a setembro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Zoocórica[11,4,13]

Agentes dispersores: Aves e macacos.[1,6,7]

Período de frutificação: agosto a dezembro[4,10]

Agosto a dezembro (CARVALHO, 2006); setembro a novembro (MORELLATO, 1991).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[4]

Os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciar a abertura espontânea. Em seguida, devem ser exposto ao sol, para completar a abertura e a liberação das sementes.

Tipo de semente: Recalcitrante[4]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[4]

Produção de mudas: Canteiros[4,1]

Cultivo diretamente em canteiros a pleno sol, semeando logo após a colheita, cobrindo as sementes com leve camada de esterco ou areia. Transplante para embalagens individuais aos 3-5 cm.

Tempo de germinação: 20 a 40 dias[4,1,7]

Taxa de germinação: 10 a 50%[7,4]

Número de sementes por peso: 84000/kg

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[4]

Durante a fase de viveiro, tolera sombreamento de intensidade média, pois a pleno sol as plântulas se desenvolvem bem mais lentamente do que as que permanecem na sombra.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[2] HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

[3] CONCESSIONÁRIA DO SERVIÇO PÚBLICO DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA NO ESTADO DA BAHIA - COELBA. Guia de arborização urbana. Salvador: Unidade de Meio Ambiente, 2002. 55 p.

[4] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[5] SOARES, M. P. Verdes urbanos e rurais: orientação para arborização de cidades e sítios campesinos. Porto Alegre: Cinco Continentes, 1998. 242 p.

[6] MORAES, P. L. R. de. Espécies utilizadas na alimentação no mono-carvoeiro (Brachyteles arachnoides E. Geoffroy, 1806) no Parque Estadual de Carlos Botelho. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS FLORESTAIS, 2., 1992, São Paulo. Anais... São Paulo: Revista do Instituto Florestal, 1992. v. 4, p. 1206-1208.

[7] SILVA JÚNIOR, M. C. da. 100 Árvores do Cerrado - sentido restrito: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2012. 304 p.

[8] MARQUETE, R.; TORRES, R. B.; MEDEIROS, E. S. Salicaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

[9] TORRES, R. B.; RAMOS, E. Flacourtiaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica, 2007. v. 5, p. 201-225.

[10] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[11] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[12] ARRUDA, V. L. V.; SAZIMA, M. Flores visitadas por sirfídeos (Diptera: Syrphidae) em mata mesófila de Campinas, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 109-117, 1996.

[13] CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

[14] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.